

TEORIA DO RACISMO. ENCONTROS E DESENCONTROS

KEILA DUARTE DOS ANJOS¹; URUGUAY CORTAZZO GONZALÉZ²

¹ Universidade Federal de Pelotas - keiladuartedosanhos@gmail.com

² Universidade Federal de Pelotas - urudur@hotmail.com

INTRODUÇÃO

Quando se começa a estudar o racismo nos deparamos com várias explicações. Porém, os cientistas não estão de acordo com as explicações deste fenômeno. Diz-se que o conceito de raça não é aceito por estes cientistas. Diante disso, “a palavra “raça” se tornou um “tabu” e por isso é uma palavra ideologicamente suspeita e evitada” (TAGUIEFF, 1997, p.8). Mas é uma evidência também que o racismo continua vivo.

Pretende-se neste trabalho, discutir o surgimento do racismo e suas diversas teorias. Para isso, se terá como base o livro O RACISMO (1997) de Pierre-André Taguieff, sociólogo, cientista político e historiador de ideias francês, nascido em 4 de Agosto de 1946 em Paris. Este autor é considerado um dos filósofos e pesquisadores mais capacitados a discutir o fenômeno do racismo, pois tem publicado muitas obras com esta temática: “A força do preconceito. Ensaio sobre o racismo e seus duplos” (1987), “Frente ao racismo” (1991), “Os objetivos do antirracismo” (1995), “A cor e o sangue- Doutrinas racistas à francesa” (2002) e “Dicionário histórico e crítico do racismo” (2013). O livro o qual nos debruçaremos, “O Racismo”, é uma vulgarização das suas reflexões dirigido ao grande público.

Por ser um tema relevante e sempre atual, pois diariamente nos deparamos com comportamentos racistas, seja no meio social em que estamos inseridos e até mesmo no meio virtual, através de redes sociais, é importante procurar entender o que seria o racismo.

METODOLOGIA

Para a realização deste trabalho, foi realizada uma pesquisa bibliográfica, direcionada ao livro de Pierre-André Taguieff, “O Racismo” (1997). Para isso, o método utilizado foi a leitura e fichamento por capítulo da obra, destacando aspectos relevantes que permitiram chegar a uma conclusão em relação aos objetivos da investigação, que tem a intenção de revelar a teoria do racismo que é mais adequada, segundo o autor, apontando também as demais teorias que se opõem a ela.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao ler o livro em questão, fomos observando que existem duas grandes concepções do racismo: a Universalista e a Historicista. Segundo PIERRE-ANDRÉ TAGUIEFF (1997), a Concepção Universalista é dividida em etnocentrismo e sociobiologia. E a Concepção Historicista, dividida em teoria modernista restrita, teoria modernista ultra-restrita e teoria modernista alargada.

A primeira perspectiva, a Universalista, considera que o racismo é um fenômeno geral que aparece em todas as culturas e civilizações. Portanto, todos os seres humanos seriam racistas. Para alguns teóricos, o racismo seria uma consequência do etnocentrismo. Segundo o criador deste conceito, o etnocentrismo seria “o ponto de vista segundo o qual o grupo a que se pertence é o centro do mundo e padrão ao qual nos referimos para julgar todos os outros” (SUMNER apud TAGUIEFF, 1997, p.16). No entanto, diferentemente do racismo, o etnocentrismo tem uma função socialmente positiva que é valorizar e favorecer as atitudes altruístas dentro do endogrupo (TAGUIEFF, 1997, p.19). O etnocentrismo seria uma forma de intolerância cultural relativa a grupos externos. Para TAGUIEFF (1997, p.21-22) o racismo não pode ser reduzido ao etnocentrismo, pois o conteúdo do racismo é mais complexo que o etnocentrismo.

Ainda nesta concepção Universalista do racismo há teóricos que defendem a teoria sociobiológica que se refere ao “estudo científico da base biológica de todas as formas de comportamento social de todos os tipos de organismos, inclusive o homem. Para maior precisão poder-se-ia acrescentar que esse estudo se faz do ponto-de-vista da evolução neodarwiniana e de sua base genética.” (REIS, p.2). Dessa forma, o fenômeno da discriminação racial estaria calcado em propriedades genéticas, pois TAGUIEFF (1997, p.19-20) afirma que teóricos da sociobiologia sustentam a tese “de que os laços de grupo são apenas uma extensão dos laços de sangue, de que “o espírito de grupo” é apenas uma extensão do “espírito de família”, ou que a etnicidade é apenas uma extensão dos laços de parentesco.” Porém o autor refuta a ideia do racismo como um fator genético, pois

Fica assim claro que uma tal abordagem, que reduz os comportamentos sociais e políticos a esquemas geneticamente determinados, não pode explicar a especificidade, *a fortiori*, a singularidade das mobilizações xenófobas e racistas observáveis na história, nem os movimentos etnonacionalistas Contemporâneos. (TAGUIEFF, 1997, p.21)

Ou seja, a ideia de que o racismo é determinado geneticamente, nos levaria a conclusão de que o racismo teria um só modelo. No entanto, o transcorrer da história mostra que há formas variáveis deste fenômeno.

A concepção Historicista ao contrário da Universalista “estabelece a hipótese de que o termo racismo se justifica apenas para caracterizar um fenômeno ideológico e sociopolítico aparecido na Europa e nas Américas na idade moderna” (TAGUIEFF, 1997, p.23). Dentro desta perspectiva, há diversos cientistas que sustentam a ideia de “que apenas existe racismo na base do conceito moderno de “raça humana” [...]” (TAGUIEFF, 1997, p.28). A concepção Historicista possui três variantes:

A teoria modernista restrita que inicia no século XVIII, na Europa. Esta tese defende que os humanos são classificados tendo por base a sua estrutura física e beleza. Desta forma, a “raça branca” ocuparia, em uma escala, a superioridade em relação a beleza, a regularidade dos traços. Enquanto que as outras “raças” estariam em uma posição inferior. Portanto, o negro estaria mais próximo do macaco do que o europeu, no que diz respeito a estrutura corporal (TAGUIEFF, 1997, p.33).

A teoria modernista ultra-restrita que redefiniu o termo de “raça”, sem perder o sentido de descendência, ao longo do século XIX (TAGUIEFF, 1997, p.36) e que defende que o racismo se admite apenas em sentido restrito, em que haja uma relação entre raça e cultura, raça e civilização, raça e inteligência (TAGUIEFF, 1997, p.36)

A teoria modernista alargada diz que existiram formas pré-racialistas do racismo. Isto porque do século XV ao XVIII, não existia o termo “raça”. Estas formas pré-racialistas culminaram no que se chama de “proto-racismo” (TAGUIEFF, 1997, p.37). Desta forma, existem três modelos de proto-racismo: O mito do “sangue puro” na Espanha e em Portugal nos séculos XV a XVII, que está ligada a religião, pois a sociedade que era católica rechaçava aos judeus e os muçulmanos por terem uma cultura religiosa diferente. Desse modo, “o mito do “sangue puro” constitui o núcleo ideológico, e que funciona ao serviço dos interesses da casta dirigente, visando preservar seus privilégios, numa sociedade católica monárquica” (TAGUIEFF, 1997, p.39).

O racismo colonial aparece na época do descobrimento da América, lugar onde os habitantes nativos, os índios, eram considerados inferiores em relação aos invasores que ali chegavam. Assim, “a tese da superioridade racial dos conquistadores baseia-se primeiramente na interpretação de particularidades culturais dos dominados, mais ou menos fantasiadas: a idolatria, o canibalismo e a resistência ao cristianismo” (TAGUIEFF, 1997, p.46)

E finalmente teríamos o racismo escravocrata que justificava a exploração da mão de obra africana com intenção econômica. A questão da interiorização por parte dos dominadores seria para garantir a condição servil dos negros escravizados. TAGUIEFF (1997, p. 47) diz que “a tônica põe-se sobre a procura de uma mão-de-obra pouco dispendiosa e dócil, totalmente submetida, no quadro da lógica do capitalismo.”

Mediante o que foi exposto, pode-se constatar que os modos de exclusão se dão a partir da convicção de que “algumas categorias de humanos são incivilizáveis, imperfectíveis, não educáveis, não convertíveis, não assimiláveis” (TAGUIEFF, 1997, p.80), o que acarreta na desumanização de tais categorias. Portanto, “a tese da desigualdade entre as raças é apenas uma tradução histórica daquele postulado de incivilizabilidade, situado no coração da acusação da “barbárie” (TAGUIEFF, 1997, p.80)

Pierre- André Taguieff se afilia a tese historicista alargada, pois acredita que é “a mais conforme a realidade histórica” (1997, p.49), que data do século XV. Além disso, ele relata o seguinte:

Seria ingênuo, e falso, supor que o racismo existe apenas a partir do momento em que foi nomeado como tal [...] O aparecimento de uma palavra, que, além disso, é uma palavra em (-ismo), no vocabulário geral, não constitui um bom indicador da emergência de um sistema de representações e de crenças, como “o racismo”, que apresenta essa particularidade de remeter para múltiplos contextos históricos, em que se designa actos, práticas sociais, formas institucionais (da escravatura moderna ao colonialismo, dos sistemas de exploração ou de segregação às empresas de extermínio sistemático)” (TAGUIEFF, 1997, p.24-25)

Também critica a concepção Universalista do racismo, pois acredita que este fenômeno tem singularidades e mobilizações no decorrer da história, não sendo possível, uma só forma de racismo. (TAGUIEFF, 1997, p.21)

CONCLUSÕES

Pode-se concluir que o racismo é um fenômeno muito mais complexo do que se pensava no início, pois seja considerado Universalista ou Historicista, o fato é que o racismo continua vivo. Ainda que existam teorias antirracistas é difícil lutar contra este fenômeno, porque, segundo o autor, a palavra “raça” não é apenas um conceito científico. É também uma realidade simbólica, um termo da linguagem popular que se identifica com imagens reconhecíveis, como a cor da pele ou o aspecto dos cabelos. Embora o racismo seja condenado inclusive pela lei, por que não se consegue eliminar este mal social? Este é o grande enigma. Os teóricos ainda não têm uma resposta clara para esta pergunta. E o grande desafio seria encontrar uma forma eficaz de lutar contra este fenômeno.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

REIS, J. **A controvertida sociobiologia**. Acessado em 26 jul. 2016. Online.

Disponível em:

http://www.cienciamao.usp.br/dados/rec/_acontrovertidasociobiolo.arquivo.pdf

TAGUIEFF, P.A. **Luta contra o racismo: uma corrida inglória**. Online.

Acessado em 26 jul. 2016. Disponível em: <http://super.abril.com.br/ciencia/luta-contra-oracismo-uma-corrida-ingloria>

TAGUIEFF, P.A. **O Racismo**. Lisboa: Instituto Piaget, 1997.